



## **A Representação do Feminino nas Crônicas de Luiz Fernando Veríssimo e David Coimbra<sup>1</sup>**

Camilla COMPAGNONI<sup>2</sup>

Sibila ROCHA<sup>3</sup>

Centro Universitário Franciscano – Santa Maria - RS

### **RESUMO**

O estudo se insere nas discussões sobre como o universo feminino é representado, discursivamente, em dispositivos midiáticos. Neste sentido, investigaram-se os modos e representações sociais do feminino através do uso de discursividades nas crônicas publicizadas no Jornal Zero Hora no período de julho de 2005 a março de 2012. Por meio de processo observacional e metodologias qualitativas, foram mapeadas estratégias discursivas, produzidas pelas crônicas de dois autores gaúchos consagrados nacionalmente: David Coimbra e Luiz Fernando Veríssimo. Analisou-se a partir de três categorias temáticas: fertilidade, sexo e profissão.

**Palavras-chave:** representação; crônica; discurso; feminino.

### **1 BREVE QUADRO TEÓRICO: O JORNALISMO, A CRÔNICA E SUAS REPRESENTAÇÕES**

#### **1.1. A NARRATIVA JORNALÍSTICA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

A importância dos meios de comunicação na sociedade, para Souza (2002), está na capacidade que esses meios possuem de representar as pessoas, a sociedade e a cultura, ou seja, na forma como influenciam na produção e na reprodução dos processos sociais e culturais. Com essa análise, o autor infere que o campo das representações midiáticas auxilia na criação referencial de uma análise de determinada sociedade, de sua cultura e política organizacional, dentre outras ramificações.

Para Putnam (1988) a construção de representações é um resultado da atividade mental em interação com o ambiente externo. A maneira como vemos o mundo, a partir do que nos é exposto dentro da nossa realidade, dentro de nossas crenças e vivências.

---

<sup>1</sup> Artigo resultante da pesquisa “A Representação do Feminino nas Crônicas de Luiz Fernando Veríssimo e David Coimbra”, patrocinada pela FAPERGS.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UNIFRA-RS, email: [camilluca@gmail.com.br](mailto:camilluca@gmail.com.br)

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela UNISINOS e Professora Adjunta da UNIFRA dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda – RS email: [sibilarocha@yahoo.com.br](mailto:sibilarocha@yahoo.com.br)



No entanto, para o autor, a relação de representação pode ser perturbada pela fraqueza da imaginação, do preconceito, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é.

“A teoria das representações sociais argumenta que por detrás das ações e fundamentando as razões do fazer, está uma representação do mundo racional e cognitiva, mas que é muito mais que isso: é um conjunto amplo de significações criadas e partilhadas socialmente. É todo um sistema de crenças e valores que todos possuímos e que não é apenas individual, mas que é também social e comanda, verdadeiramente, as ações das pessoas.” (Guareschi, 2000, p. 70)

Representar é uma forma sagaz de fazer a existência perpassar a outro patamar de definições, denominações, interpretações, julgamentos, dentre outros próprios à condição humana. Uma vinculação entre o que ocorre fora da nossa mente (o fato), com o que ocorre dentro (interpretação desse fato). As representações são a essência do processo comunicacional, onde cada associação possui uma visão civilizada que pode variar entre sua cultura e crenças.

No jornalismo, há uma relação entre três instâncias que são consideradas fundamentais para a estruturação das representações midiáticas: a de produção do sentido, a do produto final que é divulgado na mídia e a da recepção ou interpretação dessas ideias pelo seu público alvo.

De acordo com Alsina (1989), o jornalismo é um dos lugares privilegiados para construção da realidade, afinal, trata-se do espaço onde se produzem sentidos a partir dos fatos ocorridos. Segundo ele, o jornalista age sobre a realidade social, na medida em que elabora e determina o que merece ou não um status noticioso. A notícia é *"uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente que se manifesta na construção de um mundo possível"* (p. 18).

Seguindo essa linha, Soares (2009) vai além e revela que a pesquisa da representação no jornalismo e em sua cultura midiática, tem como foco mais recorrente de investigação as representações da mulher, de minorias e de etnias, embora, em princípio, qualquer assunto possa ser objeto de estudo. Para ele, as representações desempenham papéis distintos nos três grandes gêneros da cultura midiática: a ficção, a persuasão (publicidade comercial, propaganda política) e a informação (jornalismo).

Soares (2009) também conceitua que as representações, aplicadas ao campo da comunicação midiática, resultam em uma síntese entre os fatores racional-cognitivo,



social e técnicos envolvidos no processo, permitindo a superação de antagonismos entre abordagens, como, por exemplo, aquele que confronta, de um lado, as análises das mensagens e, de outro, a recepção, buscando estabelecer o momento da produção de sentido.

“As representações seriam consideradas como constituídas de redes de interação entre pessoas e artefatos (mensagens), nas quais o polo individual só é possível na presença dos polos social e o material. Uma concepção distributiva considera as representações mentais, os processos sociológicos e as representações midiáticas como instâncias que incidem umas sobre as outras e retroagem, de forma dinâmica.” (Soraes, 2009, pg. 22)

Nesse sentido as representações sociais no campo do discurso jornalístico assumem um posicionamento de protagonistas das práticas vigentes da sociedade. A representação, compreendida como um processo midiático estabelece identidades individuais e coletivas. Os discursos e os sistemas das representações sociais constroem a realidade de maneira recorrente, a partir das quais os indivíduos podem se posicionar. Um dos discursos privilegiados desta fluidez é a crônica jornalística, que une o factual e a ficção num discurso híbrido, traduzindo o cotidiano de forma opinativa e, portanto como alavanca na produção de sentidos.

### **2.3 A CRÔNICA: UM GÊNERO JORNALÍSTICO**

Um dos gêneros que mais traduzem as representações culturais no jornalismo é a crônica: um gênero híbrido entre jornalismo e literatura que trabalha com ficção do cotidiano e vem ganhando destaque no jornal impresso diário devido às suas características acessíveis de leitura. Ela se constrói da análise de comportamentos e acontecimentos contemporâneos com toques e temperos ficcionais, vindos da literatura.

Por possuir a qualidade de um dispositivo híbrido, a crônica, além de expressar o cotidiano e reproduzir os fatos ou impressões pessoais sobre o mundo, é responsável pela criação de referencialidade jornalística e literária. O que define a crônica no jornal é a sua capacidade de compreender várias expressões estéticas, como a linguagem cinematográfica, poética, radiofônica, sem reduzir-se apenas à literatura (PEREIRA, p. 28). Trata-se de uma linguagem leve, envolvente e que transmite, na maioria das vezes, uma mensagem clara e direta. É fundamental analisar a crônica dentro do âmbito jornalístico e a partir deste, notar como ela amplia seus significados denotativos ou conotativos rompendo algumas barreiras estéticas impostas pela linguagem jornalística padrão.



“[...] a crônica determina novas relações com os gêneros jornalísticos, não se limitando a informar ou opinar; mas construindo novos significados na própria articulação entre várias linguagens que o cronista exercita para explicar as representações de seu mundo ao leitor”. (Pereira, 2004, p.32).

A crônica está na fronteira entre narração literária e informação jornalística da realidade. Segundo Santaella (1996), ao recriar a realidade, a crônica abre campo para uma visão crítica que necessita da criatividade para vir à tona. Neste sentido, crítica e criatividade encontram-se e reforçam-se na crônica jornalística.

Atualmente, a crônica possui lugar fixo no jornal e o cronista é como se fosse um amigo íntimo com quem o leitor conversa e compartilha opiniões, troca experiências do dia-a-dia. Wellington Pereira (2004) entende que no jornalismo a crônica pode ser definida como um gênero de autonomia estética que abriga as várias manifestações da linguagem, cuja característica principal é reescrever os acontecimentos cotidianos de forma que os seus significados não sejam impostos ao leitor (PEREIRA, 2004, p. 164).

O autor da crônica pode se colocar no centro da narrativa e escrever sobre suas percepções em relação a um tema qualquer ou também, pode ser um texto em que o autor cria personagens e conta uma narrativa, uma pequena história. As crônicas do Luis Fernando Veríssimo e do David Coimbra nos servem como exemplo.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1. NATUREZA DA PESQUISA**

A pesquisa possui caráter qualitativo, pois é caracterizada pela interpretação dos dados, considerando que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados é básica no processo de pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa envolve o uso e coleta de uma variedade de materiais empíricos, tais como: estudo de caso, experiência pessoal, introspecção, história de vida, entrevista, artefatos, textos e produções culturais, textos observacionais, históricos, interativos e visuais — que descrevem momentos e significados na vida dos indivíduos. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo levando assim, a pesquisa qualitativa a ser vista como um campo de investigação que atravessa disciplinas, campos e temas. O ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador tende a interpretar seus dados indutivamente através de



técnicas como análise semiótica, a análise da narrativa, do conteúdo, do discurso, de arquivos, entre outras. O foco da abordagem está nos processos, nos seus significados e efeitos de sentido.

A partir desse embasamento, temos no presente artigo uma análise de estratégias discursivas utilizadas em crônicas pré-selecionadas de acordo com a temática abordada.

### **3.2. TÉCNICAS DE PESQUISA**

As técnicas de análise discursiva constituem em ferramentas metodológicas que viabilizam a observação e identificação dos elementos que compõe e dão sentido aos produtos midiáticos. O estudo contou com uma análise baseada na desconstrução de enunciados e de relações sociais dadas a partir de uma construção da realidade, ou seja, da capacidade do homem de comunicar-se e de se inserir em sua realidade social e política, a partir de crônicas jornalísticas. A análise de discurso é muito utilizada para analisar textos da mídia e as ideologias que os engendram.

Segundo Pinto (2002, p.27), *“a análise de discurso não se interessa tanto pelo que o texto diz ou mostra, pois não é uma interpretação semântica de conteúdos, mas sim em como e por que diz o que mostra”*, ou seja, para o autor, a análise discursiva tende a se focar no objeto concreto da linguagem e na interpretação da maneira como os conteúdos foram enunciados estruturalmente.

Conforme Orlandi (2003), a análise do discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas fundamenta-se como propósito em desvendar as maneiras de abranger os significados. A produção de sentidos considera a linguagem como parte da vida do sujeito, em suma, ou enquanto membro de uma determinada sociedade. Nessa perspectiva, a ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pelo modo que produz o discurso e, conseqüentemente, pela presença de uma ideologia.

Na análise de discurso, a linguagem não é considerada transparente e possui uma materialidade simbólica significativa em sua discursividade. Assim, relacionando a história da linguagem com a da produção de sentidos, os estudos dos discursos trabalham a forma material que é a forma caracterizada por produzir sentidos. *“Os*



*sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das, intenções dos sujeitos”* (ORLANDI, 2003, p.30). A análise do discurso não considera apenas a produção de sentidos nos textos verbais, mas também nos não-verbais. A imagem, que igualmente é fonte de significados, é integrada ao texto, mantendo funções semânticas próprias.

### **3.3. OBJETO EMPÍRICO**

Tem-se como objeto empírico crônicas publicadas por David Coimbra e Luiz Fernando Veríssimo no jornal Zero Hora entre o período de julho de 2005 a agosto de 2010. Para as crônicas selecionadas foram escolhidas três categorias de análise: feminilidade, sexo e profissão. Essas categorias, por representarem a essência feminina, permitem investigar como o universo feminino é representado na perspectiva de cada um dos autores.

#### **3.3.1. DAVID COIMBRA**

David Coimbra formou-se em jornalismo pela PUC-RS em 1984. Trabalhou em mais de 10 redações no Sul do Brasil. É editor executivo de esportes e colunista do jornal Zero Hora, além de comentarista da TVCOM e integrante do programa Pretinho Básico, da Rádio Atlântida. Atualmente é diretor executivo de Esportes e colunista de Zero Hora, além de comentarista da TVCOM, onde participa do Café TVCOM. Participa também do Programa de debates Sala de Redação, na Rádio Gaúcha.

#### **3.3.2 LUIZ FERNANDO VERÍSSIMO**

Luis Fernando Verissimo nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Filho do escritor Érico Veríssimo, iniciou seus estudos no Instituto Porto Alegre, tendo passado por escolas nos Estados Unidos quando morou lá, em virtude de seu pai ter ido lecionar em uma universidade da Califórnia, por dois anos. Como jornalista iniciou sua carreira no jornal Zero Hora, em Porto Alegre, em fins de 1966, onde começou como copydesk mas trabalhou em diversas seções ("editor de frescuras", redator, editor nacional e internacional. Participou também da televisão, criando quadros para o programa "Planeta dos Homens", na Rede Globo e, mais recentemente, fornecendo material para a série "Comédias da Vida Privada", baseada em livro homônimo.



### **3.3.4. JORNAL ZERO HORA**

O jornal Zero hora faz parte do Grupo RBS de Comunicações, o maior complexo midiático do sul do País. Entre os veículos, destacam-se a RBS TV e a Rádio Gaúcha. O jornal foi fundado em 4 de maio de 1964. Sua antiga sede localizava-se na Rua Sete de Setembro, centro de Porto Alegre. Em 1969, foi inaugurada a sede na Avenida Ipiranga, no bairro Azenha, onde permanece até os dias de hoje. Em 1996 a edição e produção do jornal passam a ser totalmente digital. Em 19 de setembro de 2007, entrou no ar o website ZeroHora.com, que apresenta notícias atualizadas 24 horas por dia, sete dias por semana, mais a versão impressa do periódico.

## **4. RESULTADOS E SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS**

### **4.1. A FEMINILIDADE**

A feminilidade se refere às características e comportamentos considerados por uma determinada cultura por ser associados ou apropriados a mulheres. No dicionário Aurélio, encontramos a definição de feminilidade como a “qualidade, caráter, modo de ser, de viver, de pensar, próprio da mulher.”.

Na crônica “Túnel do tempo: A culpa é das mulheres”, David Coimbra singulariza a mulher dos primórdios da seguinte forma:

[...] “Quando voltavam para a clareira onde haviam deixado as mulheres e os filhos, elas, as mulheres, os esperavam com muitos frutos e raízes na panela e pouca roupa no corpo rijo de fêmeas habituadas a longas caminhadas. Os homens se sentavam em torno da fogueira, narravam suas aventuras, agora com detalhes aumentados de façanhas e heroísmos, e depois era aquela festa. Ninguém era de ninguém. Não existia monogamia, não existia casamento, não existia fidelidade, não existia isso de mulher ficar fuçando no celular do homem para descobrir quem ligou na noite anterior. [...] *(crônica de David Coimbra, publicada pelo jornal Zero Hora no dia 25 de agosto de 2010)*

Nesta crônica, David Coimbra situa a mulher nos primórdios do tempo e retrata a mesma, de acordo com os comportamentos relacionados às culturas mais antigas. Nesta época, mulheres eram consideradas menos importantes que os homens e a grande disparidade de direitos era notória. Coimbra conota o espaço onde mulher e filhos ficam de “clareira”, com uma atitude de aguardo com intuito de agradar o homem. Uma submissão feminina e sexual “com pouca roupa no corpo rijo de fêmeas”.

Esta submissão é apontada na categoria feminilidade quando o autor se refere ao final da narrativa como “aquela festa”. O percurso gerativo deste signo permite ler nas

entrelinhas uma grande entrega das “fêmeas” para os machos. Ou seja, ele insinua que “ninguém é de ninguém” ressaltando que nos tempo de hoje a fidelidade e a igualdade do controle da mulher sobre o homem é negativo. Há, nesta categoria uma exacerbação da submissão feminina sobre o seu homem, ou seja, uma crônica que aponta dados machistas de tempo anteriores.

[...] “Esse era o Paraíso. Não sou eu quem o afirma; é a Bíblia. Adão e Eva eram caçadores e coletores. Eram nômades a vagar alegremente pela vasta área do Jardim do Éden. Eram, como já disse, felizes. O que aconteceu para que tudo se transformasse? Aconteceu que a mulher fez o homem mudar. A história está toda lá, nas entrelinhas da lenda do Gênesis. Quer ver? Prova número 1: o que significa a maçã do conhecimento que Eva oferece a Adão? Resposta: significa a Civilização. Eva, a mulher original representando todas as mulheres originais, convence Adão, o homem original representando todos os homens originais, a se civilizar. O que, então, tem de fazer Adão? Tem de trabalhar, o que, além de ser um apanágio da Civilização, é um castigo divino. Deus, claramente, desgosta da Civilização. Queria o homem no Paraíso, nu, desocupado e feliz.”  
[...] (*crônica de David Coimbra, publicada pelo jornal Zero Hora no dia 25 de agosto de 2010*)

Na continuidade, o cronista sinaliza uma transformação no modo de vida primitivo, a partir da mulher. A mulher, em toda sua suposta reclusão, é o gancho que levará o homem a um processo de aquisição de valores culturais, sociais e tecnológicos, ou seja, o ato de civilizar-se. Quando o autor diz “que a mulher fez o homem mudar” ele deixa evidente a intenção de que Eva seduziu Adão com objetivos além da percepção do mesmo. Até mesmo o “Deus” é representado como oposto à ideia do início da “civilização”. Estas estratégias languageiras conotam, na categoria feminilidade, que é este ser, chamado mulher, que aponta para o homem uma visão mais ampla da sociedade, aqui chamada de “civilização”. Com isso o universo feminino é exposto como único e além da compreensão do homem que prefere manter-se “desocupado e feliz”.

Por outro lado, encontramos no cronista Veríssimo, em sua crônica “Mulheres”, uma narrativa menos figurativa e que retrata e representa a feminilidade da mulher através de uma visão mais clara e objetiva.

“Certo dia parei para observar as mulheres e só pude concluir uma coisa: elas não são humanas. São espiãs. Espiãs de Deus, disfarçadas entre nós.” [...] (*crônica de Luiz Fernando Veríssimo, publicada pelo jornal Zero Hora no dia 21 de junho de 2009*)

Neste texto, o autor liga as “mulheres” a uma entidade divina, que também chama de Deus. Porém, nas entrelinhas, o autor destaca as mulheres como “espiãs”





deste Deus, um ser divino, que necessita das habilidades femininas para observar o mundo. Podemos ressaltar no autor uma característica mais objetiva do seu encantamento pela feminilidade. Veríssimo utiliza de significações que retificam a mulher a um caráter divino, enquanto Coimbra deixa essa imagem ao subjetivo, instigando o leitor a pensar em um significado mais amplo, além do literal.

Em outro parágrafo Veríssimo fala sobre o poder do sexto sentido feminino e na capacidade que as mulheres têm de prever acontecimentos ou de estarem sempre certas em suas previsões. O bom senso feminino, evidencia à mulher, uma capacidade de ver o mundo em seus pequenos detalhes.

[...] “Pare para refletir sobre o sexto-sentido. Alguém duvida de que ele exista? E como explicar que ela saiba exatamente qual mulher, entre as presentes, em uma reunião, seja aquela que dá em cima de você? E quando ela antecipa que alguém tem algo contra você, que alguém está ficando doente ou que você quer terminar o relacionamento? E quando ela diz que vai fazer frio e manda você levar um casaco? Rio de Janeiro, 40 graus, você vai pegar um avião pra São Paulo. Só meia-hora de voo. Ela fala pra você levar um casaco, porque "vai fazer frio". Você não leva. O que acontece? O avião fica preso no tráfego, em terra, por quase duas horas, depois que você já entrou, antes de decolar. O ar condicionado chega a pingar gelo de tanto frio que faz lá dentro!” (*crônica de Luiz Fernando Veríssimo, publicada pelo jornal Zero Hora no dia 21 de junho de 2009*)

Nessa crônica, Veríssimo realça o poder de sensibilidade feminina e o chama de “sexto-sentido”. A mulher é capaz de precaver-se contra um mundo de acontecimentos, enquanto o homem sequer os prevê. Ao ressaltar as situações do cotidiano como quando “uma mulher manda você levar um casaco”, o autor conota como as mulheres podem ser prestativas e minuciosas ao seu modo. Também é atribuída à mulher, uma característica de preocupação constante com o seu homem, o que relaciona esse “sexto sentido” aos vínculos eternos entre mulher e homem.

Ainda em “Mulheres” Veríssimo cita a capacidade feminina de ser mãe.

[...] “E não satisfeitas em ensinar a vida elas insistem em ensinar a vivê-la, de forma íntegra, oferecendo amor incondicional e disponibilidade integral. Fala-se em ‘praga de mãe’, ‘amor de mãe’, ‘coração de mãe’” [...] (*crônica de Luiz Fernando Veríssimo, publicada pelo jornal Zero Hora no dia 21 de junho de 2009*)

Nesse parágrafo o autor se refere à “disponibilidade integral” das mulheres em função de seus filhos, a quem dão “a vida” e ensinam “a vivê-la” por vontade própria. Ele constrói a função de “ser mãe”, como algo inerente ao universo da feminilidade.



Em ambas as crônicas analisadas nessa categoria, a representação da mulher é construída como um ser vinculado ao homem. Ora sendo submissa, ora influenciando, ora desejando e sendo desejada e/ou apresentando uma força e um cuidado maior que o do homem. Em ambas as narrativas, entretanto, são percebidas que as relações entre a feminilidade e suas práticas sociais são fontes geradoras de vida e não passam despercebidas de seus parceiros.

## 4.2. SEXO

Selecionamos nesta categoria denominada sexo, o conjunto de idéias, signos e representações que se referem à exploração das qualidades sensuais, apelativas e de relacionamentos entre homens e mulheres onde o desejo é o principal objeto de análise. Coimbra ressalta em grande parte de suas crônicas, uma narrativa mais chamuscada e com mais apelo ao lado sexual feminino.

Na crônica “O Mistério do cabelo molhado”, David Coimbra narra o desejo de um garoto de 17 anos, por uma mulher mais velha do que ele:

[...] “Aí vi aquela morena. Tinha cabelos longos, olhos castanhos, belas pernas mal cobertas por um shortinho branco e devia ser uns oito anos mais velha do que eu. Talvez rondasse a fronteira dos... 25 anos.” [...] (*crônica de David Coimbra, publicada pelo jornal Zero Hora no dia 18 de outubro de 2009*)

O autor narra uma mulher, que se insinua através de roupas provocativas. Não cita características psicológicas ou nome, apenas se refere à idade e a descreve pelos atributos físicos e vestimenta.

[...] “Saímos: mande água pra ioiô, mande água pra iaiá. Trocamos alguns beijinhos e afagos e talicoisa, mas nada além de talicoisa. No fim da noite, ela anotou seu endereço num guardanapo e, antes de pousar o conteúdo do shortinho no banco de um táxi, sussurrou: – Passa no meu apê amanhã. Às seish – deu uma chiadinha quando falou seis. Tri.”[...]“Tentei beijá-la, mas ela esquivou-se de novo. Segurou-me pelos ombros e rosnou: – Diz: sabe por que é que estou de cabelo molhado??? Me deu uma angústia, uma angústia... Saí de lá frustrado, sem sucesso na pretendida noite de amor e sem saber por que afinal uma mulher recebe um homem de cabelo molhado. Até hoje “não sei.” (*crônica de David Coimbra, publicada pelo jornal Zero Hora no dia 18 de outubro de 2009*)

Essa crônica aponta a desenvoltura do homem e da mulher perante o sexo. O desejo do homem pelo físico da mulher e seus contornos e formas de vestir. A sedução esta nas entrelinhas deste texto que remete ao poder sensual da fêmea sobre o macho e que, no final, o autor indica a superioridade feminina quando conclui: até hoje não sei,



referindo-se ao fato da mulher receber um homem de cabelos molhados em um momento de intimidade.

Também na categoria sexo, foi analisada a crônica “Uma morena ardilosa”, de David Coimbra que conta sobre a história do imperador Napoleão com as mulheres. E em especial, destaca o envolvimento com duas delas: Maria Waleska e Josefina. Ele conta como Maria Waleska conquistou o coração de Napoleão, fazendo pose de jovem indefesa:

[...] “Pulou em cima da condessa como se ela fosse um naco de Camembert e a possuiu durante toda a noite, fazendo o que bem quis, como quis e onde quis. Foi um tanto violento, de acordo com o relato posterior da própria Maria Waleska. Mas ela gostou. Apaixonou-se pelo imperador, e ele por ela. Empregou os ardis das mulheres novas, bonitas e carinhosas, que sempre fazem os homens gemer sem sentir dor. Waleska se ofereceu a Napoleão como uma presa. Entregou-se a ele alegando que não podia fazer mais nada, a não ser se entregar. Era inevitável, ciciava Waleska: se Napoleão quisesse tomá-la, tomá-la-ia. Como a tomou. Só que, na verdade, era ela que o tomava.” [...] (*crônica de David Coimbra, publicada pelo jornal Zero Hora no dia 14 de junho de 2009*)

A narrativa proposta nesta crônica produz um sentimento claro de uma relação entre homem e mulher, com as marcas discursivas de um desejo de ambas as partes. A construção do texto relata o homem comandando o sexo, deixando a mulher apaixonada, mas, na frase final, repassa o poder da sedução aos atributos sexuais da mulher quando diz: “na verdade, era ela que o tomava”. Lê-se nessa sinalização que o poder sexual é das mulheres, apesar dos homens se sentirem os conquistadores.

Quando o assunto é sexo, percebe-se a construção de Veríssimo na crônica quando diz:

[...] “É sabido que as mulheres confundem sexo e amor. E isso seria uma falha, se não obrigasse os homens a uma atitude mais sensível e respeitosa com a própria vida. Pena que eles nunca verão as mulheres-anjos que têm ao lado. Com todo esse amor de mãe, esposa e amiga, elas ainda são mulheres a maior parte do tempo. É nessa hora que elas se sentem o próprio amor encarnado e voltam a ser anjos. E levitam. Algumas até voam. Mas os homens não sabem disso. E nem poderiam. Porque são tomados por um encantamento que os faz dormir nessa hora” [...] (*crônica de Luiz Fernando Veríssimo, publicada pelo jornal Zero Hora no dia 21 de junho de 2009*)

Neste texto, o autor permite inferir que as mulheres fazem sexo com amor e amor com sexo, o que as torna mulheres superiores, ao representar este modo de ser como “mulheres-anjos”, capazes de voar e levitar. Mostra ainda as diferenças existentes entre o modo de fazer sexo do homem e o encantamento do sexo feminino.



### 4.3. PROFISSÃO

A inserção da mulher dentro do mercado de trabalho tem se mostrado cada vez maior a partir de uma combinação de fatores econômicos, culturais e sociais. Um dos grandes fatores para essa massiva inserção feminina é a maior diversidade de funções que as mulheres têm ocupado. Hoje em dia, a mulher atua nas mais diferentes áreas e circula até mesmo em profissões que, por um determinante cultural, eram consideradas estritamente masculinas.

O cronista David Coimbra em sua crônica “Tudo”, apesar de não evidenciar o papel da mulher dentro do trabalho para a sociedade, gera um perfil dessa mulher profissional da descrição de suas atitudes:

[...] “Tríssia era uma mulher sofisticada. A psicóloga do clube. Alta, morena clara, ela não andava; deslizava pelo mundo a um palmo do chão. Jamais levantava a voz, jamais fazia um gesto brusco, jamais se alterava. Era uma rainha. Por isso detestava aquele falastrão. Natan sentia a repulsa de Tríssia e se mantinha à distância. Até porque Tríssia não dava confiança a homem nenhum. Nenhum! Tríssia não precisava de homens. Tríssia era soberana.” [...] (*crônica de David Coimbra, publicada pelo jornal Zero Hora no dia 03 de julho de 2005*)

O autor descreve a psicóloga Tríssia como uma mulher que evidencia seus valores a partir da sua atitude ao falar ou andar. Coimbra utiliza de elogios como “uma rainha”, remetendo à profissional Tríssia características soberanas e exemplares. Na mesma crônica, David Coimbra ainda cita mulheres em outros cargos profissionais como o de [...] Lívia, a secretária do Departamento de futebol [...] revelando o envolvimento da mulher com o futebol, uma área claramente designada ao público masculino. Apesar da descrição designada à personagem Tríssia em “Tudo”, Coimbra possui como característica em suas narrativas, uma apelação para o lado sexual da mulher e tenciona a retratar o lado físico do corpo feminino como prioridade, ao falar da mesma.

No mesmo sentido da inserção da mulher no campo profissional, encontramos no autor Luiz Fernando Veríssimo em sua crônica “Meu camarim” a seguinte descrição:

[...] “Três tenistas russas. De saíote. Uma massagista sueca e uma tailandesa que trabalhem em conjunto. Uma, a parte de baixo, outra, a parte de cima.” [...] (*crônica de Luiz Fernando Veríssimo, publicada pelo jornal Zero Hora no dia 5 de março de 2012*)



Ao citar essas mulheres, o cronista mostra a ocupação de um cargo que, antigamente, por se tratar da área esportiva, era voltado ao gênero masculino. Apesar de citar a profissional “tenista”, o autor se refere também à vestimenta utilizada pelas profissionais da área, o “saiote”. Aponta a presença de duas massagistas como mulheres capazes de desempenhar funções profissionais e, ao mesmo tempo, prazerosas.

Nessa categoria, a crônica chamada “Outra carta da Dorinha”, de Veríssimo retrata uma mulher mais atual, que foge aos padrões do ponto de vista feminino na antiguidade:

[...] “continua ativa à frente do seu grupo de debate e pressão, as Socialaites Socialistas, que pregam a implantação no Brasil do socialismo no seu último estágio, que é a volta ao tzarismo.” [...] (*crônica de Luiz Fernando Veríssimo publicada pelo jornal Zero Hora em 16 de janeiro de 2012*).

Nesta crônica o autor se refere a um grupo de debates, controlado por mulheres, referente ao campo político. Ele cria mulheres elegantes (socialaites) que “pensam” temáticas voltadas para igualdade dos direitos (socialismo). A aparente contradição discursiva produz um sentido de engajamento social e político de mulheres que mesmo belas enquadram-se na luta por direitos iguais. Nas entrelinhas, o autor não exclui a mulher/beleza de uma profissão voltada para aspectos cidadãos.

No gênero profissão, ambos os autores retratam um realocamento da mulher na sociedade. Está subentendido nos textos que elas circulam nos circuitos sociais, profissionais e culturais com legitimidade e competência sem “descer do salto”.

## **5. NOTAS CONCLUSIVAS**

Este texto remete a interpretações subjetivas de aspectos dos gêneros femininos nas crônicas dos autores David Coimbra e Luis Fernando Veríssimo. Neste sentido, não é um texto hermético, fechado, mas tem um ponto final em razão de um enquadramento metodológico do trabalho científico. Porém, sabe-se que outras interpretações, a partir de outras percepções podem agregar-se a essa reflexão.

Entretanto, alguns encaminhamentos de pesquisa podem ser elencados como notas conclusivas deste estudo. O primeiro diz respeito à complexidade do universo feminino. A mulher ainda carrega uma áurea que a conduz muito sutilmente, às imagens conceituais contraditórias que circulam entre as idéias de maternidade à liberdade; de dona de casa à profissional aguerrida; de sensualidade à puritanismo, explicitadas na



sociedade a partir de códigos simbólicos. Percebe-se este fascínio pelo universo feminino a partir do grande número de crônicas voltadas, dedicadas e concentradas na mulher. Na busca por crônicas que dessem conta do nosso objeto de estudo, registrou-se um grande número de discursividades desta temática.

A segunda reflexão conclusiva diz respeito às três categorias analisadas. A feminilidade da mulher é ressaltada como algo sublime, apaixonante e valorizável. O sexo já é sugerido como algo mítico, provocante, incitante e não como uma prática natural de um ser humano, que provavelmente encare o sexo como algo presente no seu cotidiano. Já profissionalmente os textos sinalizam para a efetiva vivência da mulher no mundo do trabalho.

Em resumo, este estudo aponta que o universo feminino faz parte do imaginário do homem de diferentes formas, diferentes níveis e dependendo das diferentes emoções que ele desperta. Trata-se, portanto, de uma construção discursiva subjetiva, imaginativa e simbólica.

## 6. REFERÊNCIAS

ARRUDA, Angela. **Teoria das representações sociais e teorias do gênero**. Cadernos de pesquisa, n117, 2002. Acessado em: 05 out. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>>

BRAGA, José Luiz, **Constituição do Campo Da comunicação**, 2011, Revista da comunicação Verso e Reverso XXV, Unisinos.

ALSINA, M. R. **La construcción de la noticia**. Buenos Aires: Paidós Ibérica, 1989

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2006. 555 p.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo, SP: Contexto, 2006. p.285

DENZIN Norman K LINCOLN Yvonna S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**. Acessado em: 21 de mar. 2012. Disponível em: <<http://imagens.extra.com.br/html/conteudo-produto/12-livros/275463/275463.pdf>>

DUARTE, Jorge Antonio Menna (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2005. v. 1. 380 p.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mutações nos Discursos Jornalísticos: Da ‘construção da realidade’ a ‘realidade da construção’**. Acessado em: 09 de nov. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1804-1.pdf>>



FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERREIRA, Jairo. **Mediatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação**. São Leopoldo, RS, 2007. Paper do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

FRANÇA, Vera. In: \_\_\_\_\_. **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2002. 246 p.

GUARESCHI, Pedrinho A. (org) **Os Construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.27-34: Introdução: as razões desse livro

MAGALHÃES, Izabel. **Introdução: a Análise de Discurso Crítica**. D.E.L.T.A., v. 21, n. Esp., São Paulo: EDUC, 2005, p. 1-11.

MORIGI, Valdir José. **Teoria social e comunicação: Representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos**. Acessado em 25 de out. 2011. Disponível em: < <http://www.compos.org.br/seer/inde.php/e-compos/article/viewFile/9/10>>

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília, DF: Ed. da UNB, 2002. 587 p. (Coleção Comunicação; 2)

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7 ed. Campinas, SP: Pontes.

PEREIRA, Wellington. **Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso**. Salvador: Calandra, 2004

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. 2. ed. São Paulo, SP: Hacker, 2002. 123 p. (Coleção Comunicação)

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade**. 3. ed. Lisboa, PO: Presença, 2001. 223 p. In: O Jornal – da forma ao sentido. 2 ed. Brasília: Editora UnB. Coleção Comunicação.

SANTAELLA, L. 1996. **Cultura das mídias**. São Paulo, Experimento.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOARES, Murilo César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática** – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SOARES, M. C. Análise de enquadramento. In: DUARTE, J., BARROS, A. (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó, SC: Argos, 2002.

VERÓN, Eliséo. Esquema para el analisis de la mediatización. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 48, out. 1997.